

Revisitando o espaço turístico a partir da multiescalaridade territorial

Daniel Hauer Queiroz Telles¹
Vander Valduga²

Resumo: O turismo vem sendo objeto de análise da geografia por algumas gerações. Ao surgir como área de conhecimento autônoma, tentando assumir um objeto científico próprio, deixa lacunas para a sua abordagem espacial. Próprio de uma época em que os fluxos se densificam, o turismo como expressão social de relevância econômica permite à geografia o lançamento de um olhar múltiplo sobre as relações entre sociedade e espaço. O território em que o turismo estabelece-se, de modo relevante, está munido de desafios metodológicos para sua análise. Buscando avançar, a partir de perspectiva multiescalar sobre o turismo, em dois momentos distintos da discussão – antes e depois da desconstrução do espaço turístico -, o presente trabalho de cunho teórico sugere parâmetros integrados à abordagem geográfica do turismo. Entende-se que, alinhando-se aos desafios do paradigma da complexidade e de correntes do pensamento geográfico contemporâneo, esta discussão possa redimensionar as discussões sobre o espaço turístico enquanto categoria de análise da abordagem geográfica do turismo. Desta forma, apresenta elementos para discussão teórico-metodológica que possam somar esforços no estabelecimento de superação epistemológica.

Palavras-chave: Espaço turístico. Multiescalaridade. Complexidade. Epistemologia. Interdisciplinaridade.

Introdução

Cada campo do saber tem buscado respostas às suas problemáticas em cada tempo. No campo científico, os avanços têm ocorrido por rupturas e continuidades, chamadas por Kuhn (1991) de revoluções científicas, quando os paradigmas são transformados. Num cenário de diminuição de espaços e adensamento de fluxos, conceber conhecimentos e interpretações mais abrangentes se torna imperativo. Para tanto, parte-se do pressuposto de que a natureza de todo o conhecimento consiste na constituição de uma relação entre o sujeito e o objeto (PIAGET, 1967). O turismo, enquanto objeto de conhecimento – sem adentrar na definição de campo científico, ciência e disciplina- avança a passos lentos, configurando-se continuamente como um campo descritivo, em que metodologias são aplicadas e reaplicadas em diferentes contextos, a margem do real avanço científico. No entanto, “o conhecimento científico e a percepção direta não coincidem em absoluto” (VIGOTSKI, 2004, p. 277- 278), sendo o conhecimento científico, antes de tudo, fruto de abstração.

¹ Bacharel, mestre e doutor em Geografia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa. danieltelles@unipampa.edu.br.

² Bacharel e mestre em Turismo, doutor em Geografia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Paraná. vandervalduga@gmail.com.

Para Bachelard (1996, p. 18), diante do mistério do real, a alma não pode, por decreto, tornar-se ingênua. “É impossível anular, de um golpe só, todos os conhecimentos habituais. Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber”. A partir desse “espírito científico” é que este artigo foi motivado, na interpretação de que esse espírito é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento e julga seu passado histórico a partir da consciência de suas faltas históricas (BACHELARD, 1995).

Parece ser, portanto, uma problemática inerente a abordagem espacial do turismo a constante investida descritiva de fenômenos, simplificando a complexidade real do fenômeno sob discursos técnicos cômodos orquestrados por organismos oficiais e sem a devida crítica acadêmica. Dados esses pressupostos iniciais, reconhece-se como desafio ao presente trabalho uma reinterpretação da abordagem espacial do turismo que avance em relação ao paradigma das abordagens tradicionais do espaço turístico que concorrem à interpretação a partir do fluxo origem-ligação-destino. Essas interpretações clássicas têm conduzido à interpretação ferramental-funcional do turismo enquanto setor de serviços da economia, impossibilitando que seus estudos fossem compreendidos a partir de outras bases (VALDUGA, 2012; TELLES, 2013).

Do ponto de vista de geografia, o espaço turístico é tratado de maneira sectária e comumente sem uma interpretação ampliada do fenômeno turístico. De modo semelhante à pouca apreciação por parte das ciências sociais, o turismo recebe da geografia certa displicência, uma vez que esta se redime em dar sequência a discussões profícuas já iniciadas, e acabar acomodando-se em apropriações intelectuais como uma especialidade de alguns interessados. Isto se dá por motivos que variam desde a impopularidade embutida em um suposto elitismo com relação ao assunto, até a dificuldade da própria geografia em estabelecer métodos frente à condição pós-moderna e complexa do mundo do presente. Na primeira variável, observa-se prática confortável, uma vez que pode se adequar facilmente à “sedução do discurso fácil e do consenso imediato”, explicada e acusada por P. C. C. Gomes (2009), como a “reprodução da banalidade” na geografia (p.27-29). Na segunda, encontra-se a própria dificuldade desta disciplina em superar suas matrizes diversas que acabam por obstruir a necessária interação com outras áreas.

A atual relevância do fenômeno turístico nas mudanças territoriais em todo o mundo é um fato a ser destacado, sem sofrer diminuições por quaisquer que sejam as razões. Tema em evidência e que tende a se estabelecer em diferentes localidades. Fato que assola grande desafio ao conhecimento, antes de tudo, sob o ponto de vista teórico-metodológico, do que catalográfico. Trata-se, neste sentido, de constituir um raciocínio geográfico (LACOSTE, 2010) que conste em “distinguir e articular diferentes níveis de análise espacial, que correspondem a levar em consideração conjuntos espaciais de grande ou pequena dimensão [esta] dimensão metódica dos diferentes níveis de análise” (p.231) atribuí ao desafio em revigorar as abordagens geográficas do turismo.

A elaboração teórica proposta tem como parâmetros aspectos inerentes ao espaço geográfico: a multidimensionalidade que abrange o cultural, o político e o econômico em coexistência, sendo a totalidade do território como expressão não setorial de uma realidade em transformação, que conduz a discutir, por fim, a turistificação. E a multiescalaridade enquanto concepção de abertura analítica para a análise espacial de um fenômeno ou objeto, e recurso epistemológico de apreensão da realidade.

Pela escala geográfica, em uma definição apenas introdutória, entende-se a “pertinência do fenômeno observado” (CASTRO, 2009) e do “real como representação” (Idem. 2002), abrindo a perspectiva de estudos sobre o espaço para uma perspectiva existencial (SILVEIRA, 2006), ou seja, que verse, não apenas para os fatores de medição, mas de conteúdo do espaço (HAESBAERT, 2004).

A perspectiva da complexidade a partir do princípio dialógico de complementaridade, antagonismo e interdependência, somada à perspectiva analítica da multiescalaridade/multidimensionalidade é apresentada como proposição de um itinerário metodológico na abordagem espacial do turismo. Nesse contexto, uma perspectiva territorial do turismo foi proposta considerando a simultaneidade de ações, o território em relação, de maneira que as fronteiras sejam tomadas apenas como ponto de partida para a compreensão. Essa perspectiva visa compreender e ampliar o debate no que se refere ao espaço turístico e a sua noção mais empírica: a turistificação.

O presente trabalho possui três etapas fundamentais: (i) a utilização das noções de multidimensionalidade territorial e multiescalaridade como abertura de abordagem sobre o turismo no espaço; (ii) a sistematização e desconstrução do espaço turístico, desde abordagens hipotéticas representativas sobre o turismo no espaço; (ii) a multiescalaridade como abordagem e reconstrução da noção de espaço turístico, apontando para um caminho epistemológico a servir de debate comum na revisitação do espaço turístico. Como resultado, traz-se proposta preliminar de reconstrução da noção de espaço turístico, no intuito de integrar as vertentes gerais de base conceitual verificadas na sistematização do objeto, quais sejam: o espaço geográfico do turismo e o espaço aplicado do turismo. Estas duas perspectivas não se excluem, tampouco estão em total desavença, mas respondem por uma questão de embasamento ontológico da própria noção de espaço turístico.

A multiescalaridade é tida como recurso analítico complexo, no intuito de revelar a complementaridade, o antagonismo e a interdependência de perspectivas sobre o turismo a partir do espaço. Esse recurso possui duas fases de incorporação na discussão: a primeira como caminho metodológico que possibilita a desconstrução do espaço turístico, ao pluralizar as perspectivas de abordagem utilizadas pelo mesmo; a segunda como caminho epistemológico na qual a própria síntese do espaço turístico, depois de sistematizada, seja considerada etapa axiomática no esforço de lançar inteligibilidade não reducionista de base ao turismo.

Após constatar a necessidade de se repensar o espaço turístico, como resultado da acomodação e divergências de uso que este conceito recebe, a multiescalaridade pode ser entendida como opção metodológica e epistemológica relevante para avanços em termos teóricos de abordagens interdisciplinares entre Geografia e Turismo. Assumindo a incipiência desta proposição, contudo, é necessário abrir o tema à discussão e testes de aplicação para que fortaleça sua validade ou não, suscitando, por fim, o porquê dessa constatação. O presente trabalho apresenta como discussão inicial a problemática do espaço turístico na abordagem geográfica do turismo; num segundo momento apresenta uma abordagem multidimensional do território no turismo considerando os preceitos da complexidade e dialógica; no terceiro momento se propõe a desconstruir, analisar e reconstruir uma sistematização do espaço turístico.

Espaço turístico: a pertinência do conceito para a abordagem geográfica do turismo

O turismo é um dentre um rol de outros usos na configuração territorial. Por esta razão, propõe-se entendê-lo não somente como uma camada técnica sobreposta ao espaço, mas como abertura interpretativa de uma realidade. Atua como uma lente à procura de conteúdos e que resulte em uma imagem difundida nas diferentes territorialidades coexistentes, o que não deixa de ser um elemento totalizante na identificação espacial. Nesta perspectiva, a sistematização do turismo para o território se mune de menor pragmatismo como comumente estabelece-se em leituras, por mais abrangentes que sejam.

Servindo, assim, como um caminho metodológico à procura de conteúdos e que resulte em uma análise fundamentada de uma realidade espacial complexa. Lidar com este fenômeno é um desafio científico, não somente pela recente institucionalização acadêmica da área, mas pela tendência à apropriação de discursos legitimadores de uma realidade imposta, ao invés de um modo de desvendar a realidade. Por este fenômeno, em concepções não lineares se pode promover ampliação de novas relações e perspectivas para este fenômeno.

O tipo, ou tipos predominantes de turismo que se verifica em cada local é questão subjacente à sugestão anteriormente referida, sendo que os usos turísticos adquirem particularidades em cada lugar e podem atender a interesses de acordo com um desencadeamento de ações. É o que se entende por turistificação. Há diferentes tipos de turistificação e, é sobre isto que a integração das categorias espaço, tempo e sociedade podem intervir no conhecimento espacial geográfico, de modo que, hoje, lidar com este fenômeno – o turismo - é um desafio geográfico em aberto não apenas do ponto de vista epistemológico, mas também ontológico, importância crescente como indicador de reconfigurações locais e regionais no atual estágio civilizatório do mundo.

O arcabouço tipológico do turismo adquire particularidades em cada lugar por conta da integração/desintegração ao processo histórico. É a turistificação como totalidade, e não como reducionismo analítico, tal como oferecem leituras sobre produção, aplicação ou promoção do

espaço. Não foge a este panorama complexo a capacidade de tornar inteligível o próprio turismo, uma vez que na noção de território estão implícitas as relações de poder socialmente instituídas (RAFFESTIN, 1993) que atendem a interesses de acordo com um desencadeamento de ações multidimensionais, ou seja, econômicas, políticas e culturais em interdependência (CORRÊA, 2010). Há, tal qual diferentes tipos³ de espaços, diferentes tipos de turistificação e, é sobre isso que o território, enquanto totalidade pronta e em construção (SANTOS, 2008), deve estar apto a embasar uma abordagem geográfica do turismo.

Expostas os variáveis gerais em questão, a preocupação em discutir a relação interdisciplinar entre Geografia e Turismo, dada a relativa consagração epistemológica da mesma, evidencia a importância de uma categoria de análise não menos consagrada em níveis didáticos e de pesquisa. Tal consagração, por sua vez, não se reconhece sem constatar a diferente natureza ontológica dessas duas áreas do conhecimento, o que em termos contextuais possui grande diferença conceitual. No entanto, a partir do desafio contemporâneo de superação de paradigmas, não compete à ciência firmar ranços, mas sim suprir lacunas e vias interpretativas para aberturas da sociedade do presente. Neste intuito, a pertinência do espaço turístico como categoria central na formação de uma base notadamente consagrada para a condução de diferentes metodologias de pesquisa é tida como condição para o tecer da presente discussão.

O espaço turístico constitui-se na categoria de base para as abordagens que se apoiam em metodologias embasadas em outros conceitos de grande relevância nas pesquisas em turismo, tais como: paisagem, lugar, região, planejamento territorial, governança, entre outros. Estas, por sua vez, abrem-se para abordagens ainda mais específicas, não lhe tirando o mérito científico pela possível superespecialização conceitual. Independentemente do nível de abstração tomado como base para a pesquisa, a negligência sobre a natureza dos conceitos e suas proposições mais consagradas, mesmo que variem para autores e escolas diferentes, é uma atitude pouco profícua na busca por teorizações ou mesmo análises aprofundadas.

A importância do espaço turístico é tamanha que oferece uma condição preliminar para as pesquisas interdisciplinares em Geografia e Turismo, oferecendo uma plataforma cuja base está no espaço geográfico e os caminhos no que seria o objeto de estudos do Turismo, seja ele o sujeito turístico, o produto, o tempo turístico, o destino, etc. Não sendo esta a preocupação da discussão, afirma-se pela necessidade de se repensar o espaço turístico como categoria específica de análise de abordagens geográficas do turismo, ou abordagens turísticas do espaço.

Abordagem Multidimensional do Território

³ Apesar de reconhecer na tipologia weberiana um exercício analítico passível de reducionismos, entende-se a tipificação de realidades como uma delimitação introdutória às abordagens específicas, não excluindo-se a existência de outros caminhos metodológicos sobre os fenômenos no espaço geográfico.

O tecido epistemológico da construção em curso leva em consideração os princípios da complexidade e da dialógica como caminho metodológico, na possibilidade da interdependência, do antagonismo e da complementaridade entre os elementos de análise e os fenômenos sociais (MORIN, 2003, 2007, 2008). A abordagem complexa não é, *a priori*, excludente, contudo nasce como resposta à visão não complexa das ciências humanas e das ciências sociais, que conceberam que há uma realidade econômica por um lado, uma realidade psicológica, de outro, uma realidade demográfica, de outro e assim por diante (MORIN, 1990).

O princípio dialógico pressupõe a reintrodução do conhecimento em todo o conhecimento e permite a compreensão do movimento, das inter-retroações do sistema, a união de opostos ou a ordem/desordem/interações/organização. Não se trata de opor um holismo global e vazio ao reducionismo mutilante. Trata-se de ligar as partes à totalidade, pois o paradigma da complexidade permite reunir e distinguir. É o pensamento apto a reunir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo reconhecer o singular, o individual, o concreto (MORIN e LE MOIGNE, 2000).

Nesse sentido, a proposta teórica tem como parâmetro aspectos inerentes ao espaço geográfico: multiescalaridade enquanto simultaneidade de ações e a multidimensionalidade que abrange o cultural, o político e o econômico em coexistência e enquanto totalidade do território como expressão não setorial de uma realidade em transformação.

A partir do exposto, a noção de território pode ser apreendida não mais por si mesmo ou por seus limites e fronteiras. A noção de fronteira, domínio e poder são válidos enquanto ponto de partida na interpretação territorial, no entanto, as especificidades do território resultam muito mais do contato do que do isolamento espacial, isto é, ele também deve ser pensado como produto de inter-relações, de forma que não há um ponto de partida original a ser recuperado ou uma posição anterior à relação (MASSEY, 2008). Essa perspectiva de concepção integrada do território leva em consideração a ideia de totalidade e abarca a vertente política, simbólico-cultural e econômica. “Muito mais do que uma coisa ou objeto, o território é um ato, uma ação, uma *rel-ação*, um movimento (de territorialização e desterritorialização), um ritmo, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce um controle” (HAESBAERT, 2004, p. 127)⁴.

A vertente territorial é particularmente complexa e apresenta oportunidades do ponto de vista da abordagem espacial do turismo, uma vez que espaços são produtos de simultaneidades e coexistências (MASSEY, 2008, VALDUGA, 2011), e o turismo apresenta-se como evento, fluxo, variável e imprevisível, impactando na territorialidade, assumida como um conjunto de relações oriundas do sistema tridimensional: sociedade-espaço-tempo, em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema (RAFFESTIN, 1980).

⁴ Atrelada à noção territorial emerge o problema das identidades e da autenticidade, campo em aberto na interpretação social do turismo e comumente levado a interpretações de reificação de espaços e a certa nostalgia de um espaço vivido. A esse respeito sugere-se o trabalho de Brubaker (2001) e Yázigi (2009).

Entender o turismo enquanto possibilidade é não torná-lo panaceia, mas sim, ocasião de rearranjar um contexto socioespacial, afinal “o turismo só será justo quando a sociedade for justa” (KANITZ et al., 2009, p.10). Há divergências sobre a pertinência e o posicionamento do turismo dentro das abordagens geográficas. É fato que este fenômeno tem recebido certo destaque nos estudos sobre o espaço, em que pese “a dificuldade de se firmar e enquadrar-se a uma perspectiva única de investigação científica, fato que tradicionalmente tem causado fortes embates entre os geógrafos” (SANTANA; AZEVEDO, 2005, s/p).

As abordagens do turismo incorrem, frequentemente, na leitura de seu *modus operandi* tomado como verdade, fato que, do ponto de vista da abordagem espacial, pode ser considerada como sectária, pois o homem, ancorado no coração de um território apropriado na sua complexidade, não é necessariamente consumidor (ROUX, 2004). O território se materializa enquanto probabilidade, isto é, de manutenção e exclusão dos vetores que o definem, entre eles a existência do turismo como vetor territorial. Como produto da sociedade de consumo onde “segmentar nossas existências em objetos que são necessários adquirir imperativamente, como causas da felicidade a vir” (ROUX, 2004, p. 54), a abordagem espacial do turismo não pode negligenciar os diferentes projetos em curso, como o dos seus habitantes, quando da abordagem do planejamento turístico.

Algumas perspectivas críticas do turismo, por outro lado, consideram este fenômeno de modo apenas condenável, o que para a busca do entendimento sobre a realidade, que visa novas relações na organização do território, é insuficiente. Há de se ter a noção dos verdadeiros vetores da configuração territorial, dos fatos do presente, não desconsiderando o movimento enquanto processo incessante. Sob este entendimento estão as possibilidades, pelo que se torna imperioso qualificar o território pelas lentes de interpretação do espaço turístico enquanto uma expressão complexa do espaço geográfico, que é total.

É necessário, todavia, considerar que não é possível analisar o turismo desde uma perspectiva unicamente espacial. Apesar de esta perspectiva constituir-se, talvez, em uma das principais perspectivas sobre o fenômeno, existem abordagens que fogem do âmbito geográfico para compreensão do turismo. Neste interim, a especificação do objeto geográfico em uma derivação para aproximação interdisciplinar àquelas disciplinas que também oferecem perspectivas analíticas importantes ao turismo se torna necessária. Por isso o espaço turístico tem sido um conceito discutido e proposto dentro de diversas abordagens que unem as áreas em tela (geografia e turismo).

O turismo enquanto fenômeno permite uma sistematização da realidade expressa no espaço geográfico. O que não quer dizer que se torne selecionado de uma dada configuração territorial para a descrição das espacialidades dos elementos considerados turísticos. O recorte de um território é fundamental para que seja considerada a sua historicidade que interfere na realidade (TELLES, 2012).

A possibilidade de se atribuir ao território uma trama de relações entre homens, firmas e instituições implica em explicar a perspectiva de abordagem que se pretende realizar. Sendo uma abordagem sobre o espaço turístico, tem-se a possibilidade de atribuir-lhe conceitos. Desta forma, as abordagens que penderão entre a já sabida dimensão cultural, política e econômica, evidenciarão seus próprios contornos; coloca-se, neste ponto de vista, o turismo como um subsistema territorializado (TELLES, 2012). Evidentemente, estes e os elementos em relação no território estarão fortemente imbuídos de relações de força, as quais a história se encarrega de tornar herança.

Em síntese e como um caminho metodológico preliminar, propõe-se uma sistematização de compreensões-chave no que se refere à abordagem territorial do turismo. O quadro 01 sintetiza algumas proposições debatidas previamente.

Quadro 01: Síntese metodológica preliminar

Espaço Turístico (território)	Complexidade da abordagem
Multiescalaridade	Noção dialógica dos vetores territoriais e convergência das noções de espaço e tempo. Sistemas de ideias e ações, fluxos temporais e diferentes temporalidades e espacialidades.
Multidimensionalidade	Interdependência entre os fenômenos espaciais. Abordagem não sectária do espaço turístico. Totalidade dialógica. Possibilidade de análise integral da relação espaço/temporal no turismo.

Fonte: organizado pelos autores (2014)

Desconstrução e análise sobre o espaço turístico

A elaboração teórica das diferentes abordagens geográficas sobre o turismo apresenta um leque de variações considerável, ou seja, não há uma proposta metodológica única para as pesquisas que tenham como preocupação o turismo em seu contexto espacial. A superação dos reducionismos comuns percebidos na confluência interdisciplinar em tela repousa sobre o espaço turístico como conceito conjugado de fundamental importância.

Isso não se constitui em algo excepcional ao fenômeno turístico, uma vez que a geografia perfaz seu caminho sob outras áreas e correntes, com maior ou menor nível de convergência. Isto varia e depende da própria ontologia e evolução paradigmática próprias de cada área do conhecimento. Além da discutida pertinência de classificação da Geografia em física e humana, como forma de enfatizar as especializações metodológicas que ocorrem na práxis disciplinar, é, sobretudo, na utilização de uma ou mais categorias de análise geográficas, que torna-se visível tal diversidade de abordagens geográficas dentro da disciplina. Fato este que sugere a colocação de diferentes geografias como atual panorama desta disciplina.

Em meio a essa problematização interdisciplinar entre turismo e geografia, nada simples e meritória de pesquisas de estado da arte cada vez mais aprofundadas, a proliferação de estudos acompanha a quantificação dos títulos na carreira acadêmica. Estes, por sua vez, não raro, apoiam-se em convenientes caminhos metodológicos de frágil base conceitual. Diante deste quadro, o espaço turístico estabelece-se menos como constructo epistemológico do que metáfora facilitadora de aplicação de modelos, mas não contribuindo com geração de conhecimento para a área interseca (ao qual tem-se denominado abordagem geográfica do turismo, em sentido amplo).

Ocorre que o conceito de espaço turístico adquire função aplicada para a compreensão do fenômeno turístico, o que implica em um distanciamento, quando não, desamparo acadêmico no seu entendimento, em detrimento de sua priorização operacional. A conveniência pela utilização de propostas em replicação de análises empíricas de diferentes contextos históricos e escalares reflete o descaminho científico que as abordagens geográficas do turismo têm passado. O turismo, tanto quanto outras áreas contemporâneas, não sai desse embate sem perdas, justificando a necessidade de novos paradigmas e a superação de metanarrativas. Alinha-se a um desafio pós-moderno pelo qual as ciências devem incorrer novas abordagens (JAMESON, 2003).

O turismo apresenta seus fundamentos geográficos, e estes não se restringem apenas a apontar potencialidades, identificar fluxos e quantificar a oferta das localidades (TELES, 2009). Debater acerca de parâmetros nos tratamentos conceituais ligados ao espaço turístico – paisagem, região, lugar - incorre em considerar “que há tratamentos setoriais e tratamentos integrados, que por vezes se confundem na utilização desses conceitos” (TELLES, 2012, p.55). Diante disto, é necessário avançar na sistematização da matéria. Para este autor, isto pode ser atingido, “primeiro, na consideração de que o espaço turístico contemple um arcabouço teórico-metodológico do espaço geográfico. Segundo, no reconhecimento da importância de saberes oriundos de outras disciplinas na complementaridade do que, por fim, compõe a turistificação dos territórios” (p.55). A turistificação, por sua vez requer uma abordagem multiescalar que dê conta de considerar aspectos de diferentes origens, periodicidades, dimensões e magnitudes em seu estabelecimento.

Nota-se um viés em surgimento que não se encerra apenas na constatação da complexidade, mas a incorpora enquanto crise paradigmática. Bastaria não desconsiderar-se categorias de ampla abstração, tais como espaço, tempo e sociedade, na abordagem do espaço turístico.

Os diferentes espaços turísticos: proposta preliminar de sistematização

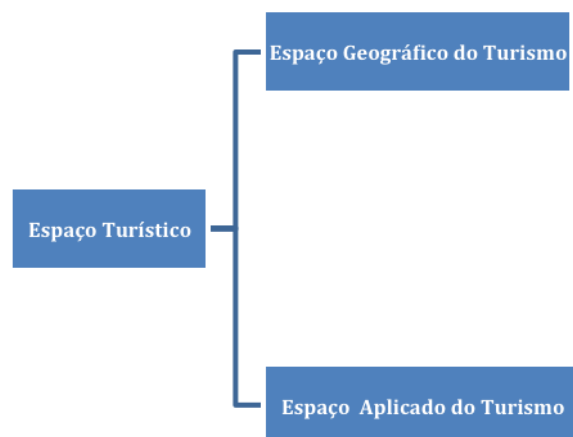
Considerando-se os diferentes tratamentos existentes sobre o espaço turístico, foi necessário sistematizar as perspectivas, ainda que de modo não absoluto, pois entende-se existirem diferentes concepções espaciais na abordagem geográfica do turismo (Figura 1).

Ressalta-se que a proposta a seguir pretende suscitar debates na área e, sobretudo, pormenorizar reducionismos nas propostas analíticas, especialmente nas pesquisas dentro da geografia que se fazem valer do espaço como ponto de partida de suas discussões, e não como categoria de análise nuclear de estudos geográficos.

O tratamento dado ao espaço turístico separa-se em duas concepções gerais que, por sua vez, agrupam concepções mais próximas da praticidade empírica em pesquisas sobre o turismo desde um viés geográfico. Na primeira classe o espaço é avaliado desde seu caráter inerentemente social e varia de acordo com correntes do pensamento geográfico que atendam à sua característica eminentemente social. Na segunda classe estão perspectivas que apenas tangenciam o espaço, eximindo-se de seu teor conceitual, e das superações paradigmáticas da própria geografia.

Pode-se considerar a presente abordagem como um novo desafio epistemológico à abordagem espacial do turismo e um constructo à abordagem geográfica do turismo. Com todas as limitações que podem ser assumidas nesse contexto, pode-se inferir que a presente abordagem remete a uma nova fronteira na interseção disciplinar do turismo e da geografia, requerendo avanços ulteriores.

Figura 1 - Diferentes concepções do espaço turístico - desconstrução



Fonte: elaborado pelos autores

Dentre as diferentes utilizações metodológicas sobre o espaço turístico, num primeiro recorte, estabelecem-se duas vias de análise: a primeira em que o mesmo constitui-se em subsistema autônomo, desde que suportado pelo método geográfico de espaço social e, finalmente, em que o espaço é um mero fator locacional, já não suportado pelo entendimento contemporâneo de espaço pela geografia. Espaço geográfico do turismo e espaço aplicado do turismo, portanto, constituem-se na primeira sistematização necessária para a desconstrução do

espaço turístico, visando de modo posterior, sua reconstrução como contribuição epistemológica interdisciplinar.

Multiescalaridade na abordagem territorial do turismo: proposição metodológica preliminar

Avançar no entendimento sobre o espaço turístico numa perspectiva não estática/inerte requer enfrentamento da complexidade inerente ao processo de turistificação das sociedades em diferentes escalas e dimensões. Não apenas acomodar-se diante da constatação de que vive-se em uma sociedade complexa, próprio de uma época em que os fluxos se densificam. O turismo como expressão social de relevância econômica permite à geografia o lançamento de um olhar múltiplo sobre as relações entre sociedade e espaço. Tem-se como meta subsidiária a este fim, mecanismos analíticos abstratos, ciente da dificuldade de realizar discussões neste âmbito da produção do conhecimento, desde que reconhecida a insuficiência paradigmática a que está-se diante. Para tanto, apoia-se na assertiva de que a natureza multiescalar dos fenômenos decorre da complexidade dos mesmos e da natureza multidimensional do território.

Inicialmente, é importante estabelecer a superação axiomática conferida à geografia no entendimento do conceito de escala. Este debate não se faz sem problemas, uma vez que é um debate, ainda pouco desenvolvido na geografia (CASTRO, 1992). Considerando a mediação escalar entre uma abordagem e o seu objeto, presume-se que um caminho não negligenciável deva ser conduzido em pesquisas contextualizadas espacialmente sobre o turismo, ou qualquer outro fenômeno social no espaço. Neste intuito, a multiescalaridade pretende ser uma alternativa supostamente irreduzível para tal condução argumentativa. Ainda que isto incorra em uma forte semelhança com a constatação complexa de fenômenos na ciência contemporânea, está-se diante de um impulso epistemológico entre diferentes áreas do conhecimento pela sua superação axiomática. Dito isto, propõe-se a multiescalaridade na abordagem territorial do turismo como um passo essencial para o avanço de uma categoria demasiadamente importante e prévia a tantas abordagens subsequentes em torno de outras categorias geográficas – paisagem, lugar, região - e suas respectivas importâncias nos estudos do turismo. Passo, portanto, que impele um retrocesso e, a partir disto pretende avançar na superação de reducionismos nos estudos geográficos sobre o turismo.

Se constatada a preocupação de que “a própria escala, enquanto fenômeno consubstanciada de toda análise, merece ser estudada de modo particular” por mediar uma ação (RACINE; RAFFESTIN; RUFFY, 1983, p. 124), a relação entre o fenômeno observado e sua abordagem requer consideração suficientemente clara sobre esta mediação metodológica. Eis que uma abordagem sobre algo, em se tratando do território, possui uma mediação escalar múltipla.

A escala se constitui numa preocupação metodológica fundamental às análises espaciais. Através de seus diferentes, porém convergentes, enfoques, (a escala) “não existe como medida, porque ela não fragmenta, mas, pelo contrário, integra” (CASTRO, 1993, p. 59), de modo que a

escala geográfica é considerada a pertinência de um fenômeno observado (Idem). Por essa via de embasamento conceitual, o objeto ou fenômeno em questão visa receber um tratamento que “dê conta da multiplicidade e da diversidade de situações e de processos” (SANTOS, 2008, p.64). Nesse sentido, regional e local se interpenetram como abstrações da organização do território, mas as escalas de análise adquirem vias próprias, dando especificidade a essas duas expressões gerais de abordagem.

Lidar com a coexistência e com a multiplicidade de escalas é concordar que são as diversas perspectivas que permitem a análise de um fenômeno espacial. Nas palavras de Machado (1995):

Se a visão microscópica – que nos permite entrever os detalhes da organização local através dos tempos – é essencial para captar a complexidade da vida social e territorial, essa organização só pode ser entendida quando complementada por uma visão macroscópica, isto é, pelo estudo das relações do lugar com o espaço geográfico bem mais amplo onde está inserido (MACHADO, 1995, s/p).

Para Corrêa (2010), “a operação escalar não introduz uma visão deformada, geradora de dicotomias, mas ao contrário, ressalta as ricas possibilidades de se analisar o mundo real [...] em níveis conceituais complementares” (p.136). A convergência entre escalas de abordagem caracteriza a apreensão do objeto investigado. São as conexões que se fazem possíveis identificar entre as escalas, sejam conceituais ou espaciais, e que “contribuem para dar unidade à análise geográfica” (Ibid., p.136). Reforça-se às preocupações anteriores “a perspectiva das escalas dos fenômenos [que] permite organizar os campos da geografia, ampliando seu escopo” (SANTOS et al. 2000, p.40).

Considerações finais

O que difere o espaço geográfico do turismo do espaço aplicado do turismo é o posicionamento conceitual. Essa diferença, entretanto, não significa separação. Ou seja, uma abordagem que incorpore ambas as concepções, independente de sua priorização e contexto, ou de sua base conceitual e seu encaminhamento metodológico posterior, tende a superar insuficiências que se expressam, ora pelo lado da abstração, ora do pragmatismo.

As categorias ligadas ao espaço que o desconsideram enquanto instância social correm o risco de tornar a compreensão do turismo seletiva. Esse espaço sectário opta por que elementos considerar em suas análises, fazendo uso de categorias geográficas como muletas, pois reproduzem a seletividade da análise. A história se faz ausente em tais abordagens, num tratamento aplicado de espaço que não se sustenta dentro da geografia desde sua renovação epistêmica.

O espaço turístico constitui-se num subsistema do espaço geográfico (TELLES, 2012; 2013). Sem esta compreensão, corre o risco de esbarrar nas limitações e proposições de um espaço

sectário, também cunhado como “espaço especial, particular, adjetivado” (SANTOS, 1999, p.17). Há, muitas vezes, a equivocada compreensão do espaço turístico sem a consideração de que a realidade vivida por turistas seja sazonal, pois não se é turista. Ainda tendo este esclarecimento resolvido, se estar turista apenas retrata um tipo social que não está imune em envolver-se com intempéries sociais ou naturais ao longo de sua viagem e estada, ainda que involuntariamente, é, no mínimo, estranho considerar que a experiência do turista não se ocupe de acasos, dentre os quais se veem os reveses de salubridade, criminalidade, abusos, entre outros.

Sobre o espaço aplicado ao turismo. Ele pode ter uma finalidade acadêmica: planejamento. O planejamento permite que o espaço turístico não seja visto sob uma ótica epistemológica geográfica e sim como um ente direcionado e sectário da realidade (configuração territorial), tenha seu posicionamento conceitual de importância acadêmica. O que não torna o espaço aplicado do turismo um objeto exclusivo do Turismo. Ainda assim, este conceito vê-se dependente de apreensões interdisciplinares, seja pela cartografia, arquitetura, urbanismo, desenvolvimento regional, ecologia, educação, etc.

Estaria uma teoria crítica, no porvir do turismo, nascendo da união das perspectivas do espaço geográfico e do espaço aplicado pela via da multiescalaridade?

Referências bibliográficas

- Bachelard, G. (1995). *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____. (1996). *O novo espírito científico*. Lisboa: Edições 70.
- Brubaker, R. (2001). Au-delà de l'identité. *Recherche en Sciences Sociales, Actes...* Disponível em: <<http://www.cairn.info>>. Acesso em 14 de maio de 2014.
- CASTRO, I. E. (1992). Análise geográfica e o problema epistemológico da escala. In: *Anuário do Instituto de Geociências*. V. 15, Rio de Janeiro.
- _____. (1993). Problemas e alternativas metodológicas para a região e o lugar. In: Souza, M. A. et al. (Org.). *Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica*. São Paulo: Hucitec.
- _____. (2002). O problema da escala. In: Castro, I. E.; Gomes, P. C. C.; Corrêa, R. L. (Eds). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Corrêa, R. L. (2010). Organização espacial: dimensões, processos, forma e significado. *Conferência proferida na abertura do I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço*: em 05 de Outubro de 2010. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista.
- Gomes, P. C. C. (2009). Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: *Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico*. Mendonça, F. Lowen-Sahr, C. L.; Silva, M. (org). Curitiba: Anpege.
- Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- Kanitz, H. G.; Trigueiro, R. P. C.; Araújo, M. A. D.; Souza, W. J. (2009). Plano Nacional de Turismo 2007/2010: da análise do conteúdo ao desafio das práticas. In: *Anais do VI Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. São Paulo, SP.
- Kuhn, T. S. (1991). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Lacoste, Y. (2010). *A Geografia. Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus.
- Machado, L. O. (1995). Angra dos Reis: Porque olhar para o passado. In: *Diagnóstico socioambiental do município de Angra dos Reis*. Rio de Janeiro: convênio Furnas – UFRJ.
- Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa. Instituto Piaget.
- Morin, E. (2003). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- _____. (2007). *O método 5. A humanidade da humanidade: a identidade humana*. Porto Alegre. Sulina.
- _____. (2008). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Instituto Piaget, Lisboa.
- Morin, E; Le Moigne, J-L. (2000). *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Fundação Peirópolis.
- Piaget, J. (1967). Les problèmes principaux de l'épistémologie des mathématiques. In: Piaget, J. (Org.). *Logique et Connaissance Scientifique*. Dijon, Gallimard, p. 554-595.
- Racine, J.B.; Raffestin, C.; Ruffy, V. (1983). Escala e ação, contribuições para uma interpretação do mecanismo de escala na prática da Geografia. *Revista Brasileira de Geografia*. V. 45 (11): 123-135. Rio de Janeiro, jan/mar.
- Raffestin, C. (1980). *Pour une géographie du pouvoir*. Paris: Litec.
- _____. (1993). *Por uma geografia do poder*. França. São Paulo: Ática.
- Roux, M. (2004). O Re-encantamento do território: o território nos rastros da complexidade. In: Da Silva, A. D.; Galeno, A. (Orgs.). *Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares*. Porto Alegre: Sulina.
- Santos, M. et al. (2000). *O papel ativo da geografia: um manifesto*. XII Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis.
- Santos, M. (2008). *A Natureza do espaço: Técnica e tempo razão e emoção*. 4ª Reimpressão (1996). São Paulo: Edusp.
- Teles, R. (2009). *Fundamentos geográficos do turismo*. Elsevier, Rio de Janeiro.
- Telles, D.H.Q. (2012). *Possibilidades de reorganização territorial apoiada na imagem náutica a partir de Angra dos Reis/RJ*. Programa de Geografia Humana da Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado em Ciências), São Paulo.
- Telles, D.H.Q. (2013). A complexidade em processo na turistificação de lugares e outros desafios urbanos: um ensaio teórico. In: *Revista TURyDES*. Vol.6, nº15. Dezembro
- Valduga, V. (2013). *Raízes do turismo no território do vinho: Bento Gonçalves e Garibaldi - 1870 a 1960 (RS/Brasil)*. Programa de Pós-graduação em Geografia (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Valduga, V. (2012) Sujeito turístico e espaço turístico: Possibilidades teórico-metodológicas para

os estudos do turismo. *Journal of Tourism and Development* n: 17/18, p. 481-492.

Vigotski, L. S. (2004). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

Santana, X.; Azevedo, C. Turismo e espaço: uma leitura geográfica da interferência da atividade turística no processo de (re)organização sócio-espacial do município de João Pessoa-PB. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2005, vol. IX, núm. 194 (116). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-116.htm>.

Yázigi, E. (2009). *Saudades do Futuro: por uma teoria do planejamento territorial do turismo*. São Paulo: Plêiade.